



# miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

## POESIA CONCRETA E JOÃO CABRAL NO *JORNAL DO BRASIL* – ANOS 1950



## CONCRETE POETRY AND JOÃO CABRAL DE MELO NETO IN *JORNAL DO BRASIL* IN THE 1950S

Patricia Pereira de SOUSA  
Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Joelma Santana SIQUEIRA  
Universidade Federal de Viçosa, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA  
RECEBIDO EM 31/10/2023 • APROVADO EM 09/03/2024  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1269>

---

### Resumo

---

O presente artigo possui como objetivo analisar a presença recorrente de referências ao poeta João Cabral de Melo Neto em textos sobre a poesia concreta publicados no *Jornal do Brasil* na década de 1950, com a finalidade de acompanhar o advento da poesia concreta e a vinculação, nesses textos, do nome de Cabral como um dos precursores do movimento. Para isto, realizou-se uma pesquisa documental com análise de fontes jornalísticas confrontadas com textos dos estudos literários, em especial, textos críticos de João Cabral sobre a poesia e estudos críticos sobre a poesia concreta. É possível concluir que Cabral e sua poesia serviram de referência para os poetas concretos, que filtraram aspectos da crítica cabralina que mais lhes interessavam: a ênfase no trabalho formal e na comunicação da poesia, deixando de fora questões relacionadas à poesia social.

---

## Abstract

---

This article aims to analyze the recurring presence of references to the poet João Cabral de Melo Neto in texts about concrete poetry published in the *Jornal do Brasil* in the 1950s, with the aim of accompanying the advent of concrete poetry and the connection, in these texts, the name of Cabral as one of the forerunners of the movement. For this, a documentary research was carried out with the analysis of journalistic sources confronted with texts from literary studies, in particular, critical texts by João Cabral on poetry and critical studies on concrete poetry. It is possible to conclude that Cabral and his poetry served as a reference for concrete poets, who filtered aspects of Cabral's criticism that most interested them: the emphasis on formal work and poetry communication, leaving aside questions related to social poetry.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** João Cabral de Melo Neto. Poesia Concreta. *Jornal do Brasil*.

**Keywords:** João Cabral de Melo Neto. Concrete Poetry. *Jornal do Brasil*.

---

## Texto integral

---

### Introdução

A partir da segunda década do século XX, eclodiu o Modernismo brasileiro, tão revisitado ao completar 100 anos, cuja origem tem sido demarcada historicamente a partir da Semana de Arte Moderna, que aconteceu em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. Os responsáveis pelo evento formavam um grupo de artistas e intelectuais influenciados pelas vanguardas que emergiram no começo do século na Europa (Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo). Nesse contexto, começa uma movimentação no cenário literário com o objetivo de produzir uma literatura moderna e nacional.

Ainda no contexto do Modernismo, a partir da terceira década do século XX, a chamada Geração de 1930 compreende escritores mais participativos da vida contemporânea, das inquietações de sua época. Esta geração possui pontos de contato com os pré-modernistas, pois há um retorno a algumas temáticas, como o regionalismo, “o Nordeste decadente, as agruras das classes médias no começo da fase urbanizadora, os conflitos internos da burguesia entre provinciana e cosmopolita” (BOSI, 2021, p. 412). Já a Geração de 1945, na linha cronológica de acontecimentos marcantes do século XX, se localiza após a Segunda Guerra Mundial, sendo importante, de acordo com Paulo Franchetti (2012), para pensar os movimentos literários posteriores. Gonzalo Aguilar explica que nesse momento

[...] surgiu um novo humanismo que, na arte, implicou o retorno às formas regulares e clássicas e a rejeição das tentativas vanguardistas anteriores à Guerra. Essa mudança, [...] teve como manifestações evidentes, na poesia, um retorno ao soneto e a um repertório temático idílico, cujos motivos foram, com frequência, os mitos antigos (Aguilar, 2005, p. 161).

Para muitos estudiosos, essa geração retoma influências que antecederam ao Modernismo, destacando-se pelo formalismo poético, pela preocupação com o uso da palavra e da forma. Franchetti (2012) destaca que, durante o período de atividades da Geração de 1945 (1942-1956), espaços e eventos dedicados à arte e à cultura surgiram em São Paulo e no Rio de Janeiro. Por exemplo, o I Congresso de Escritores Brasileiros (1945), o Museu de Arte de São Paulo (1947) e o Congresso Internacional de Escritores (1954). Nessa época, debatia-se a necessidade de uma renovação no campo literário. João Cabral de Melo Neto, poeta que está historicamente vinculado à Geração, durante o Congresso Internacional de Escritores, trouxe contribuições importantes para o debate sobre a poesia moderna no Brasil.

Nesse contexto, a partir de 1956, surge um movimento com uma proposta poética considerada diferente de tudo que já havia sido feito anteriormente na literatura brasileira: a poesia concreta. Sua divulgação se deu, principalmente, nos jornais, e o *Jornal do Brasil* (JB) teve uma contribuição importante a esse respeito.

Para acompanharmos a presença da poesia concreta no *Jornal do Brasil*, utilizamos principalmente a *Hemeroteca Digital*, “portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas” (Fundação Biblioteca Nacional, 2021). A *Hemeroteca* é um espaço muito importante porque seu acervo reúne grande quantidade de material impresso digitalizado dos séculos XIX e XX, contribuindo para a preservação desse conteúdo que pode ser acessado por qualquer pessoa. Conseqüentemente, graças a esse *site*, foi possível desenvolver esta pesquisa, pois ele permitiu a consulta às edições do *Jornal do Brasil* da década de 1950 e, por meio do seu sistema de busca, a consulta aos textos que citavam ‘poesia concreta’ e ‘João Cabral de Melo Neto’. Mais de 200 textos foram filtrados e, para a construção do *corpus*, optou-se por selecionar os autores e críticos que mais escreveram sobre a poesia concreta. Após a leitura, selecionou-se os textos que citavam João Cabral de Melo Neto, os quais serão discutidos mais adiante.

## 1. Poesia concreta

Na década de 1950, o Brasil passava por um período de intensa modernização com os governos de Getúlio Vargas (1951-1954) e Juscelino Kubitschek (1956-1960), e os meios de comunicação, como o rádio e a televisão conquistavam cada vez mais espaço. Desde o final dos anos 1940, observava-se o debate sobre a poesia da Geração de 1945 que, para alguns críticos, era caracterizada pelo retorno ao formalismo. Por exemplo, em um artigo publicado no *Diário de Notícias* em 2 de abril de 1949 e, posteriormente, no segundo volume de *O espírito e a letra*, o crítico Sérgio Buarque de Holanda destacou a “disciplina forçada” e o “hermetismo” como aspectos presentes em parte considerável da nova poesia.

Os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari (principais integrantes do grupo Noigandres), Ferreira Gullar, Ronaldo Azeredo e José Lino Grunewald foram os responsáveis pelo surgimento e desenvolvimento da poesia

concreta no Brasil. Além de poesia, eles também produziram textos críticos, publicados inicialmente em jornais e revistas – alguns, posteriormente, reunidos no livro *Teoria da poesia concreta – textos críticos e manifestos 1950-1960*, publicado pela primeira vez em 1965.

*Noigandres* também era o nome da antologia feita pelos irmãos Campos, Décio e colaboradores, totalizando cinco volumes publicados nos anos de 1952, 1955, 1956, 1958 e 1962. A palavra “Noigandres”, tomada do poeta provençal Arnaut Daniel e retirada de um dos Cantos de Ezra Pound, não apresenta um significado definido, podendo ser entendida como “sinônimo de poesia em progresso, como lema de experimentação e pesquisa poética em equipe” (Campos; Campos; Pignatari, 1987, p. 193). Ou ainda, “‘afugentar o tédio’ é uma das possíveis soluções para a interpretação semântica dessa ‘palavra de cor escura’” (Aguilar, 2005, p. 358).

No início, os poetas concretos reuniram nomes de poetas estrangeiros e brasileiros que juntos configuraram o paideuma, “definindo-o como o elenco de autores cujas ideias servem para renovar a tradição. Na terminologia dos poetas concretos, tomada direta da proposta poundiana, significa aqueles poetas com os quais se pode aprender” (Aguilar, 2005, p. 65). Nos textos teóricos, os estrangeiros que aparecem com frequência são Ezra Pound, Stéphane Mallarmé, James Joyce e E. E. Cummings; e os brasileiros são Oswald de Andrade e João Cabral de Melo Neto.

No *plano-piloto para a poesia concreta*, texto de 1958 publicado no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*<sup>1</sup> e em *Noigandres 4*, assinado por Augusto, Décio e Haroldo, tem-se as contribuições que os poetas-críticos selecionaram dos autores que formaram o paideuma, assim como a definição de poesia concreta e suas características.

precursores: mallarmé (*un coup de dés*, 1897): o primeiro salto qualitativo: “subdivisions prismatiques de l’idée”; espaço (“blancs”) e recursos tipográficos como elementos substantivos da composição. pound (*the cantos*): método ideográfico. joyce (*ulysses* e *finnegans wake*): palavra-ideograma; interpenetração orgânica de tempo e espaço. cummings: atomização de palavras, tipografia fisiognômica; valorização expressionista do espaço. apollinaire (*calligrammes*): como visão, mais do que como realização. futurismo, dadaísmo: contribuições para a vida do problema. no brasil: oswald de andrade (1890-1954): “em comprimidos, minutos de poesia”. joão cabral de melo neto (n. 1920 – *o engenheiro e a psicologia da composição* mais *anti-ode*): linguagem direta, economia e arquitetura funcional do verso (Campos; Campos; Pignatari, 1987, p. 156).

Esse elenco de autores com características diferentes possuía como ponto comum “uma atitude nova e radical ante a linguagem” (Aguilar, 2005, p. 66). Os poetas concretos, portanto, partindo desses autores para legitimar suas criações poéticas, se propunham a desenvolver uma nova poesia que dialogasse com os

<sup>1</sup> Publicado em 23/02/1958 e disponível em [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/84537](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/84537).

novos tempos (transformações industriais, tecnológicas e avanço da cultura de massa) e que rompesse com as gerações passadas.

Nesse sentido, a veia experimentalista presente na geração modernista, a inspiração em poetas inventores, cujas obras possuíam elementos de radicalização poética, e o processo de modernização brasileira contribuíram para o surgimento da poesia concreta, que propunha uma nova poesia divergente das estruturas poéticas tradicionais. Os poetas concretos romperam com o verso e propuseram o ideograma como estrutura para suas criações. O poema concreto é verbal, pois sua matéria-prima é a palavra, e, ao mesmo tempo, não-verbal, porque a sua estrutura também comunica algo ao leitor.

A sintaxe é um elemento importante para a construção do poema concreto, pois a linearidade não é necessariamente seguida. O espaço na folha e as diferentes formas são explorados, gerando poemas nada convencionais e diversas maneiras de leituras. A estrutura-conteúdo do poema, formada na maioria das vezes por palavras substantivas, remete a uma objetividade e concretude a fim de criar uma comunicação direta. O poema é entendido como um objeto útil e recusa qualquer subjetividade e lirismo. Além disso, essa poesia dialogou com outras artes como a música<sup>2</sup> e as artes plásticas.

No final do ano de 1956, um evento importante aconteceu em São Paulo: a Exposição Nacional de Arte Concreta, marco inicial do Concretismo que abordou das artes visuais à poesia. Franchetti (2012) destaca que, enquanto a exposição foi recebida de maneira fria em São Paulo, ela foi recebida de forma mais calorosa no Rio de Janeiro. Na edição do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* de 13 de janeiro de 1957, Décio Pignatari deu seu depoimento sobre o evento.

Este foi o primeiro confronto nacional das artes de vanguarda realizado no país, tanto no que se refere às artes visuais como à poesia concreta: este fato é de grande importância para o público, que assim, teve a oportunidade de entrar em contato com todo um pensamento visual em marcha, com suas hesitações e arrancadas, mas perseguindo objetivos comuns, que se traduzem, em última análise, pela liquidação da trôpega tradição expressionista da arte moderna brasileira (a abstrata inclusive). Para os artistas concretistas, a importância da exposição não foi menor, pois a mesma lhes possibilitou uma tomada de consciência mais lúcida sobre a evolução formal de seus próprios trabalhos. A grande vitória alcançada por ocasião do recente “Prêmio de Arte Contemporânea” veio como um claro reconhecimento incontornável da importância do concretismo visual na formação da nova cultura brasileira<sup>3</sup> (Pignatari, 1957, p. 9).

Percebe-se na fala de Pignatari uma animação para com o movimento emergente e, ao mesmo tempo, a vontade de romper com as correntes que o precederam. Sobre a poesia, ele afirmou que a recepção “resultou numa autêntica ‘bomba’ [...], visto que a poesia brasileira se encontrava (e se encontra) num

<sup>2</sup> No vídeo *Noigandres – Poetas de Campos e Espaços* é possível ver Haroldo de Campos junto com Arnaldo Antunes musicalizando poemas concretos.

<sup>3</sup> Entrevista disponível na íntegra em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/69511](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/69511).



estágio provinciano de evolução formal, por falta de nível crítico e força seletiva” (Pignatari, 1957, p. 9), demonstrando o impacto causado pela novidade em um cenário que se mostrava pouco propício a algo inovador.

## 2. O Suplemento Dominical do *JB*

Na primeira metade do século XX, o jornalismo brasileiro passou por mudanças: “as revistas ilustradas proliferaram, o uso da fotografia se expandiu, a diagramação foi remodelada, o modelo americano de jornalismo objetivo e texto conciso começou a ser implantado” (COSTA, 2005, p. 98). Durante esse processo, entre as influências trazidas por jornalistas brasileiros dos Estados Unidos, destaca-se a separação entre jornalismo e literatura, já que os primeiros “adquiriram um sentido de categoria profissional que os diferencia[va] dos literatos” (COSTA, 2005, p. 100). Os jornais brasileiros nos anos 1950 acompanharam o processo de modernização. Desenvolveram-se enquanto “empresas comerciais detentoras de poder econômico e introduziram inovações técnicas, gráficas e editoriais” (COSTA, 2005, p. 120).

Em 1956, o *Jornal do Brasil* criou o *Suplemento Dominical*. Este suplemento “inicialmente misturava vários assuntos, transformando-se num suplemento literário tempos depois” (Brasil, 2015). Desde o começo, contou com os poetas Reynaldo Jardim (criador e editor), Ferreira Gullar, Mário Faustino, entre outros nomes. Nas páginas do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, o movimento concretista e, principalmente, a poesia concreta, ganhara espaço para divulgação de poemas e textos teóricos, mostrando-se um lugar fértil de debates e de discussões. Entre os nomes que mais escreveram sobre a poesia concreta nesse suplemento, destacam-se Mário Faustino, Oliveira Bastos, Ferreira Gullar, Haroldo de Campos e Augusto de Campos.

Nos textos do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* aconteciam desentendimentos, às vezes acalorados, sobre a poesia concreta quando os pontos de vista divergiam. Um momento se destaca, pois marca o rompimento entre os poetas concretos de São Paulo e os do Rio de Janeiro:

a publicação do artigo ‘Da fenomenologia da composição à matemática da composição’, em que os Campos defendiam uma poesia segundo fórmulas matemáticas, ao lado de um artigo de Gullar, ‘Poesia concreta: experiência intuitiva’, negando a relação causal entre linguagem matemática e linguagem verbal, foi o marco do rompimento entre os dois grupos (Costa, 2005, p. 121).

“Da fenomenologia da composição à matemática da composição” e “Poesia concreta: experiência intuitiva” foram publicados lado a lado na primeira página do suplemento de 23/06/1957 e, acima de ambos os títulos, encontrava-se a manchete: “Cisão no movimento da poesia concreta”<sup>4</sup>. Essa ruptura culmina no desenvolvimento do neoconcretismo por Ferreira Gullar e outros artistas, movimento que durou até 1961. Os poetas concretos de São Paulo param de

<sup>4</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/75347](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/75347) .

publicar seus textos no *Suplemento Dominical* em 1958, responsabilizando o grupo neoconcreto pelo afastamento.

### 3. João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto nasceu em 1920, no Recife, estado em que passou sua infância e concluiu os estudos escolares. Em 1942, mudou-se para o Rio de Janeiro e publicou seu primeiro livro de poesia, *Pedra do Sono*. Em 1945, inscreveu-se em concurso para a carreira de diplomata, atuando no consulado de diferentes países. Em 1952, enquanto exercia suas atividades no Consulado Geral do Brasil em Londres, foi “acusado de envolvimento em atividades subversivas ligadas ao partido comunista”, pois “foi denunciado pelo diplomata Mário Calábria, após interceptar uma carta do escritor a Paulo Cotrim Rodrigues Pereira contendo solicitação de um artigo para uma revista do Partido Trabalhista Inglês” (Siqueira, 2018, p. 413). Após esta acusação, o escritor retornou ao Brasil para responder a inquérito policial. Posteriormente, foi reintegrado à carreira diplomática e, em 1956, nomeado cônsul adjunto e enviado para Barcelona.

Durante o período em que permaneceu no país, João Cabral trabalhou nos jornais *A Vanguarda* e *Última Hora*. Além disso, destaca-se sua contribuição para o cenário literário nacional em congressos e publicações em jornais. Na conferência “Poesia e composição”, pronunciada na Biblioteca de São Paulo em 1952, João Cabral se propôs a traçar um quadro sobre a composição literária de seu tempo e apresentou duas famílias de poetas: os que produzem a partir do trabalho e os que produzem a partir da inspiração – a distinção não implica o predomínio total de um sobre o outro, podendo ambos coexistir.

Nos poetas daquela família para quem a composição é procura, existe como que o pudor de se referir aos momentos em que, diante do papel em branco, exerciam sua força. Porque eles sabem de que é feita essa força – é feita de mil fracassos, de truques que ninguém deve saber, de concessões ao fácil, de soluções insatisfatórias, de aceitação resignada do pouco que se é capaz de conseguir e de renúncia ao que, de partida, se desejou conseguir. No que diz respeito à outra família de poetas, a dos que encontram a poesia, se não é a humildade ou o pudor que os fazem calar, a verdade é que pouco têm a dizer sobre composição. Os poemas neles são de iniciativa da poesia. Brotam, caem, mais do que se compõem. E o ato de escrever o poema, que neles se limita quase ao ato de registrar a voz que os surpreende, é um ato mínimo, rápido, em que o poeta se apaga para melhor ouvir a voz descida, se faz passivo para que, na captura, não se derrame de todo esse pássaro fluido (Melo Neto, 1997, p. 51-52).

Para os primeiros, o poema surge de um percurso solitário e árduo, criar é um processo de construção, a preocupação formal é importante e parte da procura do poeta. Para os segundos, o poema surge quase como algo divino, vindo até o poeta, partindo de suas experiências e apresentando menor preocupação formal. Cabral se insere no primeiro grupo.

João Cabral explicou que a composição poética deve obedecer a determinadas normas, garantindo a comunicação com o público, mas, naquele momento, não era possível definir a composição do poema moderno, pois seguir as normas do fazer poético havia perdido espaço para o subjetivismo e suas próprias regras, culminando no empobrecimento da técnica na criação do poema. Outro elemento importante levado em consideração no processo de criação literária é o leitor:

Nessa relação, o leitor não é apenas o consumidor. O consumidor é, aqui, parte ativa. Pois o homem que lê quer ler-se no que lê, quer encontrar-se naquilo que ele é incapaz de fazer. [...] Como o importante é comunicar-se o autor usa os temas da vida dos homens, os temas comuns aos homens, que ele escreve na linguagem comum. Seu papel é mostrar a beleza no que todos veem e não falar de nenhuma beleza a que somente ele teve acesso (Melo Neto, 1997, p. 69).

Portanto, o autor que se fecha em si mesmo, que escreve pensando em um leitor ideal, acaba enveredando por um caminho hermético, produzindo para si e afastando o público. A produção literária deve ser capaz de comunicar e, para isso, o autor não deve ignorar o leitor no processo de criação, seja na prosa, seja na poesia.

Em quatro artigos intitulados “A geração de 45”, publicados no *Diário Carioca* em 1952, João Cabral, para quem definir a Geração, não era coisa simples, escreveu que o fato de os novos constituírem muito mais uma extensão de conquistas do que de invenção de caminhos, realçou a continuação das influências de outras épocas. Para o poeta crítico, houve movimentos literários que se pautaram na revolta e negação de seus antecessores. Pensando nisso, pode-se dizer que o Modernismo foi um movimento radical e, mesmo com as diferenças apresentadas pelas gerações seguintes, estas não apresentaram um espírito de rompimento total com os modernistas da primeira geração (1922-1930). Segundo Cabral, os poetas da Geração de 30 apresentavam uma menor preocupação formal. Diante do desgaste das formas antigas, o verso livre se desenvolve, assim como a criação de uma nova poesia brasileira. Já os poetas da Geração de 45 não apresentam esse mesmo movimento pelo desenvolvimento de algo novo, ancorando-se nas formas que já existiam e em poetas inovadores. Esta geração valorizava características que iam “do sublime contra o prosaico, do sobre-real contra o real, do universal contra o nacional ou o regional, do inefável contra o tangível” (Melo Neto, 1997, p. 83), demarcando assim, um afastamento da realidade, culminando na poesia individual. Apesar dessa crítica, Cabral destacou que havia várias tendências entre os poetas da nova geração.

No artigo “Esboço de panorama” (1953), publicado na *Revista Flan*, é possível perceber, em Cabral, um caráter otimista em relação a poesia naquele momento que, além dos livros publicados, ocupava as páginas dos suplementos literários de jornais e de revistas. Porém, o poeta retoma a questão do subjetivismo presente na poesia pela fuga da realidade que não prioriza a comunicação. Ele também destaca que a poesia estava funcionando “como uma substância completamente independente do verso” (Melo Neto, 1997, p. 88), e ressaltava a



importância deste enquanto “instrumento rítmico, capaz de criar a linguagem afetiva que iria dar um sentido poético a determinada mensagem” (Melo Neto, 1997, p. 88), além de permitir a existência da poesia no passado e no presente.

Na tese “Da função moderna da poesia”, apresentada no Congresso de Poesia de São Paulo (1954), João Cabral afirma que a poesia moderna é multiforme, possuindo como ponto em comum a pesquisa – elemento necessário diante das complexidades externas da sociedade e internas do homem. Se antes o poema se adaptava ao contexto e às necessidades do leitor, agora,

em consequência de não se terem fixado tipos de poemas capazes de corresponderem às exigências da vida moderna, o poeta contemporâneo ficou limitado a um tipo de poema incompatível às condições da existência do leitor moderno, condições a que este não pode fugir (Melo Neto, 1997, p. 98).

De um lado, a modernidade alterava a vida do homem; do outro, o poeta se fechava em seu individualismo. No geral, as pesquisas se limitaram a escrita, deixando de lado a construção do poema e a comunicação com o homem moderno. Além disso, os poetas modernos não souberam se adaptar às potencialidades dos meios de comunicação, por exemplo, o rádio; assim como não souberam aproveitar gêneros que poderiam se adaptar ao seu tempo, resultando, por fim, no

chamado ‘poema’ moderno, esse híbrido de monólogo interior e de discurso de praça, de diário íntimo e de declaração de princípios, de balbúcio e de hermenêutica filosófica, monotonamente linear e sem estrutura discursiva ou desenvolvimento melódico, escrito quase sempre na primeira pessoa e usado indiferentemente para qualquer espécie de mensagem que o autor pretenda enviar (Melo Neto, 1997, p. 101).

Em síntese, é possível observar nos textos críticos de João Cabral aqui citados um posicionamento contra o subjetivismo e o sentimentalismo poético, contra a poesia desconectada da comunicação com o público.

No contexto em questão, ocorria um grande desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, apontados por Antonio Candido (2006, p. 134) no ensaio “Literatura e cultura: de 1900 a 1945”, redigido em 1950, por exemplo: “a voga avassaladora da rádio-novela e do rádio-teatro, do cinema e dos *strips*”. Mudanças significativas, principalmente no âmbito urbano, estavam acontecendo, daí a importância de uma literatura que, de alguma forma, dialogasse com as novas formas de comunicação e seu público-alvo. João Cabral apresenta consciência desse problema e, ao apontá-lo, propõe que alternativas sejam pensadas a fim de que a poesia converse com o público naquele momento.

É nesse cenário que surge a poesia concreta. Contudo, João Cabral, mesmo sendo uma importante influência para os poetas concretos, nunca foi um concretista. Como declarou durante entrevista publicada em 1966:

Não sou um concretista. O Concretismo – dizem-no os membros do movimento – surgiu a partir da minha poesia. Afirmam-se, pois, meus seguidores. Tenho orgulho disso, pois trata-se de um grupo

de jovens poetas, extremados tecnicamente, muito inteligentes e de grande craveira intelectual. O Brasil de São Paulo. Introduziram o debate de questões que nenhum crítico havia aberto antes. Têm todos um grande amor à literatura, à polêmica, à briga. [...] Na verdade, talvez se possa falar atualmente num tecnicismo exagerado, mas não é menos certo que o Concretismo deu ao Brasil uma extraordinária consciência de crítica, que exige de quem escreve uma seriedade e uma autenticidade cada vez maiores (Melo Neto apud Athayde, 1998, p. 21).

João Cabral reconheceu o quão importante foram os poetas concretos e suas atividades para a poesia, a crítica e a teoria literária brasileiras. Entre suas qualidades, destacou também que os concretistas não foram poetas improvisadores e não possuíam “uma atitude romântica, de inspiração, de lirismo” (Melo Neto apud Athayde, 1998, p. 22).

O poeta pernambucano começou a sua relação com a poesia aos 18 anos, lendo poetas como Mário de Andrade, Jorge de Lima e Manuel Bandeira. Provavelmente, Carlos Drummond de Andrade foi quem mais influenciou Cabral, pois, como ele explicou: “Quando acabei a leitura de Drummond, compreendi que podia haver uma poesia lógica, e que a poesia não precisava ser obrigatoriamente lírica. Decidi tentar poesia” (Melo Neto apud Athayde, 1998, p. 36).

Em 1945, Cabral publica *O Engenheiro*, livro em que o construtivismo começa a ser mais percebido em seus poemas, prevalecendo em obras posteriores e em boa parte da recepção crítica de sua obra. Em “Poesia concreta”, por exemplo, Augusto de Campos (1987, p. 40) destaca que João Cabral é “o primeiro a sentir esses novos problemas (...). Um arquiteto do verso, Cabral constrói seus poemas a lances de vidro e cimento”.

Ainda na metade dos anos 1940, mudou-se para Espanha a fim de assumir o posto de cônsul em Barcelona. A literatura espanhola exerceu uma força importante em sua obra, sobretudo relacionada ao interesse pela realidade social. Esse aspecto ficou marcante nos anos 1950, a partir da publicação de *O cão sem plumas* (1950). É bastante conhecida dos estudiosos de sua obra o interesse pela denúncia das mazelas sociais da realidade brasileira após ter percebido a disparidade entre a miséria europeia e a miséria brasileira, passando a tratar de temas da realidade pernambucana sem adotar uma postura panfletária. Um estudo das ideias de Cabral a esse respeito foi realizado no artigo “João Cabral na imprensa brasileira nos anos 1950”, que se detém no período em que o poeta foi acusado de comunista e enviado pelo Itamaraty para o Brasil enquanto respondia inquérito. Durante sua estada no país, de 1952 a 1956, como destacou Siqueira (2018, p. 419) “muitas vezes, manifestou-se publicamente a favor de uma literatura comprometida com a realidade social e atenta à comunicação com o público”.

#### **4. A poesia concreta e João Cabral no *Jornal do Brasil***

O *Jornal do Brasil* nasce em 9 de abril de 1881 no Rio de Janeiro, fundado por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco. O jornal que começa monárquico e, posteriormente, passa a defender a república, ao longo das décadas, ora

apresentava uma postura moderada ou favorável, ora se posicionava contra o regime político vigente, chegando a ser depredado ou sofrendo perseguição política. Em suas páginas, discutia-se também problemas que afetavam o cotidiano das pessoas e conteúdo policial, dando-lhe um caráter mais popular.

No começo do século XX, o *Jornal do Brasil* expandiu o tipo de publicação, editando a *Revista da Semana*, o *Guia Mensal do Jornal do Brasil* e o *Anuário Ilustrado do Jornal do Brasil*. Em 1912, destaca-se o seu pioneirismo ao lançar “página inteira e ilustrada sobre esportes” (BRASIL, 2015). Em 1950, “após a aquisição de novo maquinário e uma seleção de ideias a serem adotadas da imprensa internacional, a diretora Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro abriu caminho para uma reformulação geral do periódico, que, no fim, revolucionaria a própria imprensa brasileira” (Brasil, 2015). A partir dos anos 1950, realizou experimentações e modificações em suas seções e páginas, destacando-se a criação do Suplemento Dominical, com a reformulação gráfica das páginas por Amílcar de Castro; e o Caderno B, dedicado ao jornalismo cultural.

A seguir, serão analisados textos de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Mário Faustino, Oliveira Bastos, José Lino Grunewald e Ferreira Gullar, nomes que teceram comentários sobre a poesia concreta e citaram João Cabral de Melo Neto em publicações no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, recorrentemente citando a importância do poeta pernambucano e suas contribuições para a poesia na década de 1950.

#### 4.1 Augusto, Décio e Haroldo

Augusto, Décio e Haroldo fizeram contribuições e reflexões sobre a poesia concreta em jornais, revistas e eventos. Tais textos foram, posteriormente, reunidos no livro *Teoria da poesia concreta – textos críticos e manifestos 1950-1960*. Os nomes dos principais influenciadores da poesia concreta aparecem na maioria dos textos, e, aqui, comentaremos aqueles que citam o nome de João Cabral de Melo Neto e que foram publicados no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*: “Evolução de Formas: poesia concreta”; “nova poesia: concreta”; “plano-piloto para poesia concreta”.

Em “Evolução de formas: poesia concreta”<sup>5</sup>, Haroldo de Campos (1957, p. 6) destaca que Oswald de Andrade e João Cabral de Melo Neto eram os raros exemplos de poetas cujas obras progrediam, “são raridades que nadam contra a maré”, pois se afastavam de características consideradas desgastadas, como

o lirismo anônimo e anódino; o jargão desinfetado de poesia bom-tom, sujeito a ‘clima’ (se o poema é sobre o mar, a ordem são os símbolos marítimos: ondinas, oceânides, gaivotas, conchas, hipocampos, búzios, tritões, afrodites e espumas), onde não se admite nem sequer a metáfora dissonante, de tipo rimbaldiano por exemplo, velha conquista do arsenal poemático; a corrente da felicidade soneticista, com a sua conhecida trucagem, que, à falta de invenção, serve de clister para a arte senil dos poetas oficiais, e

<sup>5</sup> Publicado em 13/01/1957 e disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/69508](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/69508).

para a juventude senilizada de precoces candidatos a ‘mestres’, etc. (Campos, 1957, p. 6).

Haroldo, portanto, excetuando Oswald e Cabral, faz uma crítica tanto aos poetas consolidados quanto aos poetas jovens, cujas obras não apresentavam inovação, mas elementos que parecem remeter a um certo comodismo poético, focando em temas e formas muito explorados e desgastados.

Em “nova poesia: concreta”<sup>6</sup>, Décio Pignatari (1957) aponta as características da poesia concreta e as características da poesia que os poetas concretos queriam romper, intercalando com trechos de poemas de poetas que configuram o paideuma. Alguns pontos citados são a crise do verso, os meios de comunicação enquanto veículos de arte e de linguagem populares, o ideograma como base para uma comunicação rápida e dinâmica. No texto, João Cabral é citado em duas partes. Na primeira: “mondrian, a arquitetura, e João Cabral de Melo Neto” (Pignatari, 1957, p. 5), evidenciando uma mistura de diferentes influências que possuem pontos de contato, por exemplo, construção e precisão. A segunda passagem traz o seguinte: “nádegas de cristal, órrosa. o jargão lírico do após-guerra. vegetativo, reacionário. João Cabral não fez outra coisa senão combater, didático, lúcido, *todas as fluidas / flores da prensa; / todas as úmidas / flores do sonho*” (Pignatari, 1957, p. 5). As escolhas lexicais de Décio para se referir à poesia apontam uma fragilidade e um desgaste que remetem a uma infertilidade insistente no campo poético. Em seguida, diz que Cabral combate as características listadas anteriormente, finalizando com versos que se encontram em *Psicologia da composição* (1947), poemas homônimos que, segundo Secchin (2020), desassocia o ato de criar da biografia do poeta. Portanto, a sequência de versos destacada refere-se a filtragem de “vários fatores ético-subjetivos” (Secchin, 1985, p. 62), ou seja, elemento que Cabral considerava que devia combater na poesia: o lirismo e a subjetividade do próprio poeta.

O “plano-piloto para poesia concreta”<sup>7</sup> é um dos textos mais relevantes do movimento concretista, pois ele é uma síntese teórica da poesia e de suas principais influências. Sobre João Cabral, os três poetas escrevem: “João Cabral de Melo Neto (n. 1920 – *o engenheiro e a psicologia da composição* mais *anti-ode*): linguagem direta, economia e arquitetura funcional do verso” (Campos; Campos; Pignatari, 1958, p. 5). Aqui, eles destacam as obras e as características que os inspiraram e que absorveram de Cabral, trazendo para a produção de suas próprias poesias.

## 4.2 Mário Faustino

Em “A poesia ‘concreta’ e o momento poético brasileiro”<sup>8</sup>, o jornalista, crítico literário e poeta Mário Faustino afirma que a poesia brasileira estaria passando por um momento de crise, assim como em outros países. Ele cita os nomes de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes e

<sup>6</sup> Publicado em 05/05/1957 e disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/73513](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/73513).

<sup>7</sup> Publicado em 23/02/1958 e disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/84537](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/84537).

<sup>8</sup> Publicado em 10/02/1957 e disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/70447](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/70447).

Cassiano Ricardo, e mesmo reconhecendo a importância de todos – poetas “bem sucedidos”, pois “conseguiram se manter onde estão” (Faustino, 1957, p. 5) –, afirma que nenhum teria o elemento para solucionar o problema em que a poesia se encontrava. Especificamente sobre João Cabral, Faustino destaca o seguinte:

O Sr. João Cabral de Melo Neto é a outra das duas pessoas que melhor escrevem em verso no Brasil. Jovem. Contínua capacidade de renovação. Zeitgeist, Volksgeist. Ele e o Sr. Guimarães Rosa são os únicos escritores crismados no Brasil [...] que conseguem escrever, atualmente, com um olho na nação e no tempo e outro na arte. O Sr. João Cabral de Melo Neto sabe que a poesia tem problemas culturais, políticos, éticos, estéticos. Talvez não possua ainda um corpo de poemas capaz de rivalizar com o do Sr. Drummond. Mas tem sobre este certas vantagens: mostra-se mais vivo (como era de esperar), atua mais no sentido de puxar o cordão da poesia brasileira em suas evoluções por outras praças. Todos esperamos tudo do Sr. João Cabral. Todavia, ele tampouco basta como tábua de salvação: em muita coisa age mais ou menos como o Sr. Carlos Drummond, que de certa maneira continua, em verso como em atitudes. É, pelo menos no momento, mais “inventor” que o Sr. Drummond. Mas nada tem do “condottiere” poético de que necessitamos. Faz sua vanguarda em casa. Tem todo o direito de escolher seus caminhos: nasceu para umas coisas, não para outras. Não resolve de todo nosso problema (Faustino, 1957, p. 5).

Ainda sobre o cenário literário, desaprova a ausência de uma crítica e teoria consolidadas, assim como a superficialidade e o esvaziamento dos críticos literários. A poesia, para se desenvolver, precisaria de alguns elementos: investimentos financeiros, universidades, museus, bibliotecas etc. Neste contexto, os responsáveis por movimentarem a poesia brasileira seriam, de acordo com Faustino, um grupo de três rapazes (Augusto, Haroldo e Décio), pois possuíam bagagem cultural e repertório. Eles, junto com Ferreira Gullar, seriam a “única força de vanguarda séria que há no Brasil de hoje” (Faustino, 1957, p. 5), impulsionando a poesia. Entre os poetas citados acima, destaca João Cabral como exceção por estar em “contínuo progresso”, “que ainda não parou e que não é bem dos mais velhos” (Faustino, 1957, p. 5). Ao final, Faustino lista oito motivos pelos quais os leitores devem acompanhar a produção poética do grupo de três rapazes e Gullar – João Cabral sendo citado em alguns pontos. No sexto motivo, os quatro “já eram, antes do ‘concretismo’, os melhores poetas brasileiros aparecidos depois do senhor João Cabral de Melo Neto”; no sétimo, “que a experiência concretista, na melhor das hipóteses poderá salvar a poesia brasileira do marasmo discursivo-sentimental em que se encontra (apesar dos esforços de João Cabral e de alguns outros), provendo nossa linguagem poética de novos campos de ação perceptivos e expressivos” (Faustino, 1957, p. 5).

### 4.3 Oliveira Bastos

No texto “Por uma poesia concreta”<sup>9</sup>, o crítico literário Oliveira Bastos vai acionar autores e textos para discutir questões que perpassam a poesia, destacando a poesia daquele momento (moderna): a sintaxe, o sentido, a metáfora, a linguagem e a representação da realidade. No parágrafo em que cita João Cabral, ele acrescenta o seguinte:

A aceitação, ou por outra, a simples postulação de uma problemática da poesia concreta terá forçosamente que se dar no plano de uma revisão da doutrina da arte como expressão da realidade. Esta revisão, que nos outros setores da atividade artística, notadamente o das artes plásticas, já se endereça no sentido de uma transformação radical do conceito de OBJETO, vem encontrar a poesia num estágio em que o banimento necessário de convenções fossilizadas eclodiu num tipo de POEMA, repito, sem identidade estrutural própria, ser movediço e ideal que abraça num mesmo cinturão rítmico-sonoro uma pluralidade de esferas discursivas descontínuas, onde o monólogo pode ir de par com o discurso de pração, a oração, o mito, o fluxo das reminiscências e as palpitações lírico-sentimentais, como bem notou João Cabral de Melo Neto (Bastos, 1957, p. 6).

Aqui, parece-nos que Bastos faz uma crítica ao poema concreto que rompe com as características consolidadas na poesia, originando um poema sem traços definidos, tanto na forma como no conteúdo. Essa ausência de delimitação poderia remeter a qualquer coisa, inclusive as palpitações lírico-sentimentais, elemento que os poetas concretos não trouxeram para a poesia, assim como João Cabral, que não gostava de tais recursos poéticos.

Em “Por uma poesia concreta VI”<sup>10</sup>, Bastos problematiza alguns elementos envolvidos na produção de poemas concretos: o ideograma e a eliminação do verso. Para o crítico, o ideograma não implicaria uma comunicação mais rápida, funcional e inteligível; e a eliminação do verso não seria suficiente para definir uma nova pragmática poética, contrapondo-se à visão dos poetas concretistas.

No mesmo texto, após abordar algumas questões sobre a visão da poesia, Bastos (1957, p. 6) destaca os esforços de Ferreira Gullar em *A luta corporal* (1954) – obra que chamou a atenção dos poetas concretistas –, “para fazer coincidir palavra e coisa, para não discursar de fora da realidade” e o uso do branco do papel para revigorar a palavra, “papel e palavra funcionando como fundo e forma”, entre outros elementos. Ele cita também o livro *O rei menos o reino* (1951), de Augusto de Campos, destacando que essa obra possui elementos surrealistas”. Sobre João Cabral, argumenta:

A atitude de um poeta como João Cabral de Melo Neto não é anti-romântica apenas no sentido de que está excluída de suas cogitações a procura do inefável, da experiência extra-idiomática, mas também (e sobretudo) porque sua visão da linguagem verbal

<sup>9</sup> Publicado em 17/02/1957 e disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/70712](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/70712).

<sup>10</sup> Publicado em 24/03/1957 e disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/71854](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/71854).



é pragmática, instrumental. Quando João Cabral diz, por exemplo, que “flor é a palavra flor”, ele está sendo nada menos que o intérprete de uma revisão radical operada sobre o domínio da função da linguagem verbal. “Flor é a palavra flor”, significa que o poeta ao proferi-la conta apenas com o poder de metamorfose de seu campo semântico, e que todas as manipulações possíveis deste vocábulo se circunscrevem tão só no âmbito deste campo.

A grande diferença entre a atitude de um poeta como João Cabral de Melo Neto e a de um concretista como Augusto de Campos, por exemplo, é que o primeiro – contrariamente ao segundo – procura excluir de seu trato com a linguagem a formação de contextos não simbólicos, onde o discursivo tem como endereço a criação de temas e situações que se impõem às palavras como força maior de significação (Bastos, 1957, p. 6).

Bastos destaca a concretude e a objetividade com as quais Cabral trata a sua poesia, a carga semântica da palavra limitada ao seu referencial concreto, evitando, assim, uma expansão de sentidos, de aspectos abstratos. Ele explica que entende o poema concreto como resultado “de uma situação verbal específica (não discursiva) onde as relações entre os vocábulos são regidas necessariamente por suas implicações espaço-temporais. Trabalhando sobre esta situação verbal específica, o poeta concretista eliminou o absoluto e o inefável de suas cogitações” (Bastos, 1957, p. 6). A poesia concreta, portanto, além de não se apresentar enquanto discurso, não possui limites definidos, deixando de lado elementos que remetem a um campo mais abstrato e lírico. Inclusive, ele afirma “que a eliminação da cogitação do absoluto não implica necessariamente numa diminuição do alcance da poesia, prova-o, entre nós, a obra de João Cabral de Melo Neto” (Bastos, 1957, p. 6), poeta cuja poesia, ao dar destaque para características concretistas e para a realidade, também comunica. Em seguida, acrescenta:

Por estarmos demasiado próximos e efetivamente comprometidos com esse ciclo de poesia que colocou a feitura do poema sob o signo de uma revelação cuja natureza nos escapa por nos ter sido negada, talvez possa parecer vazio de significação o trabalho daqueles que pretendem – como de resto já pretenderam Poe, Mallarmé, Valéry e, entre nós, João Cabral – deslocar o centro de apoio da experiência poética pela extração dos elementos inscritos numa zona simplesmente vedada a qualquer tipo de raciocínio. É possível (e conveniente mesmo) que essa nova ordem de poetas se veja despojada desse halo de heroísmo construído equivocadamente em torno dos que pretenderam, como Hoelderlin, “prender o raio entre as mãos” (Bastos, 1957, p. 6).

Apesar da poesia concreta parecer pouco compreensível, ela explora novos elementos capazes de proporcionar novos sentidos e novas leituras, assim como outros poetas, entre os quais, Bastos destaca João Cabral.

#### 4.4 José Lino Grunewald

O crítico e poeta José Lino Grunewald, em “Noigandres 3 Poesia Concreta”<sup>11</sup>, comenta as contribuições que Augusto, Haroldo e Décio vinham desenvolvendo para a poesia brasileira. Alguns dos pontos abordados são as características na criação poética que os três apresentavam nos volumes lançados de *Noigandres*, evidenciando uma poesia que rompia com a geração anterior; o encontro entre Décio e Eugen Gomringer; nomes que influenciaram os poetas concretos; o abandono da metáfora e utilização do método ideográfico; e a importância do movimento.

Os três poetas, de acordo com José Lino (1957, p. 6), no decorrer de suas produções, vinham demonstrando “um não conformismo com uma ameaçadora situação de esterilidade, cujas únicas exceções eram João Cabral de Melo Neto e, logo posteriormente, Ferreira Gullar”. Havia um descontentamento com o cenário poético que apresentava influências do final do século XIX que, de certa forma, não estava alinhado com os novos tempos, com o desenvolvimento da modernidade.

Entre as influências usadas pelos poetas concretos, que aparecem com frequência em seus textos teóricos, destacam-se Mallarmé, Joyce, Cummings, Pound, além das contribuições futuristas e dadaístas.

Em nossa poesia, encontram-se indícios para essa progressão horizontal nas obras de Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto e, na geração atual, além do grupo Noigandres, em Ferreira Gullar que [...] também chegou à necessidade de destruição do verso (Grunewald, 1957, p. 6).

José Lino reconhece João Cabral como poeta que vem trazendo contribuições importantes para o cenário poético. É como se o poeta pernambucano marcasse o momento de transição da Geração de 45 para a poesia concreta. Ao mesmo tempo que sua poesia traz um elemento de ruptura com a geração anterior, este mesmo elemento é usado pelos poetas da geração seguinte a fim de contribuir para desenvolver a nova poesia.

#### 4.5 Ferreira Gullar

No texto “Um poeta anticoncreto”<sup>12</sup>, publicado em novembro de 1957, o poeta Ferreira Gullar rebate um texto de Haroldo de Campos, de setembro do mesmo ano, dedicado ao poeta português Fernando Guedes<sup>13</sup>. Gullar discorda que os poemas de Guedes possuem afinidades com a poesia concreta e com poetas como João Cabral e Eugen Gomringer.

Ao contrário do que pensa HC [Haroldo de Campos], o seu bardo português rema em mares diferentes e se sua poesia tem afinidades com algum poeta brasileiro não será com João Cabral

<sup>11</sup> Publicado em 07/04/1957 e disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/72488](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/72488).

<sup>12</sup> Publicado em 24/11/1957 e disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_07/81393](http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/81393).

<sup>13</sup> *fernando guedes: um inventor na jovem poesia portuguesa*, publicado em 18/09/1957 e disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_07/77591](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/77591).

de Melo Neto e sim com alguns poetas da geração de 45 que primavam pelas definições abstratas. Dizer que JC de Melo Neto, de “O Engenheiro”, possui “abstracionismo temático” nos leva a pensar que ou HC não relê há bastante tempo aquele livro ou está querendo, de qualquer maneira, aproximar Guedes de um dos precursores autênticos do movimento concreto (Gullar, 1957, p. 1).

Na sequência, Gullar explica que a característica presente na poesia de João Cabral que o aproxima da experiência concretista é

[...] sua capacidade de ‘concretizar’ a linguagem, de fazer da leitura de seus poemas um ato de apreensão direta, quase fenomenológica, dando-se a palavra-coisa mais que a palavra-referência como elemento essencial da linguagem. Essa vontade de fazer dos valores sensoriais da palavra o veículo e o motor da invenção poética [...] (Gullar, 1957, p. 1).

Gullar está associando a poesia cabralina mais ao concretismo fenomenológico que virá a se tornar o neo-concretismo.

### **Considerações finais**

Entre 1956 e 1959, o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* foi um lugar destinado à publicação de textos sobre poesia concreta e de poemas concretos. O espaço no jornal para tais conteúdos promoveu discussões entre poetas e teóricos e, ao mesmo tempo, permitiu que muitos leitores pudessem acompanhar o surgimento e o desenvolvimento da nova poesia, mostrando a importância do veículo de comunicação para além da divulgação de notícias, qual seja, a promoção de literatura e de cultura.

João Cabral de Melo Neto é citado nos textos críticos sobre poesia concreta do *Suplemento Dominical* principalmente a partir de 1957, ano seguinte à Exposição Nacional de Arte Concreta, evento que inicia o movimento concretista. Críticos e poetas destacaram naquele momento as contribuições de João Cabral para a poesia concreta; evidenciando elementos como o construtivismo, a linguagem direta e a objetividade. Porém, mesmo reforçando essas características e a importância de Cabral, os poetas concretos não trouxeram a poesia do poeta pernambucano para as páginas do jornal, seus textos críticos raramente trouxeram brevíssimos versos. Além disso, de Cabral, destaca-se também a tese “Da função moderna da poesia”, apresentada no Congresso de Poesia de São Paulo (1954), em que ele traz reflexões importantes sobre a produção poética de maneira geral, mostrando que esta precisava passar por mudanças, a fim de dialogar e de se aproximar do público.

O nome de João Cabral foi posto em evidência. Os autores nem sempre concordaram entre si sobre a poesia concreta, mas a relevância de Cabral para a poesia dos novos poetas é um consenso. Portanto, é possível concluir que João Cabral e sua poesia serviram de referência para os poetas concretos, que filtraram os aspectos da poesia cabralina que mais lhes interessavam, detendo-se sobretudo

na ênfase no trabalho formal, discutido pelo poeta em textos críticos publicados na década de 1950.

---

## Referências

---

AGUILAR, Gonzalo. *Poesia Concreta Brasileira: As Vanguardas na Encruzilhada Modernista*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

ATHAYDE, Félix de. *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN; Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 53ª ed. São Paulo: Cultrix, 2021. p. 321-532.

BRASIL, Bruno. *Jornal do Brasil*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>. Acesso em: 05 set. 2022.

CALDEIRA, Rodrigo Leite. À sua maneira: a influência da obra de Carlos Drummond de Andrade nos primeiros poemas de João Cabral de Melo Neto. *Guará*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 19-35, jan./jun. 2020.

CAMPOS, Augusto; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-215.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. p. 117-146.

COSTA, Cristiane. O papel e a pena do jornalista escritor. In: CANDIDO, Antonio. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 93-130.

FRANCHETTI, Paulo. *Alguns aspectos da teoria da poesia concreta*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2012.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Hemeroteca Digital Brasileira*, 2022. Página inicial. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1947-1982*. vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa*. In: SECCHIN, Antonio Carlos (org.). Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

MELO NETO, João Cabral de. *Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral de ponta a ponta*. Recife: Cepe, 2020. E-book.

SIQUEIRA, Joelma Santana. *João Cabral de Melo Neto na imprensa brasileira nos anos 1950*. Texto Poético, ANPOLL, v. 14, n. 25, p. 410-429, jul.-dez. 2018.

TOSHIMITSU, Thaís Mitiko Taussig. *O rio, a cidade e o poeta: impasses e contradições na poesia de João Cabral de Melo Neto*. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

---

### Para citar este artigo

---

SOUSA, Patrícia Pereira; SIQUEIRA, Joelma Santana. Poesia concreta e João Cabral de Melo Neto no *Jornal do Brasil* – anos 1950. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 346-364, jan.-abr. 2024.

---

### Autoria

---

**Patricia Pereira de Sousa** Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Graduada em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma instituição. Integrante do grupo de pesquisa Literatura e Mídia (CNPq). E-mail: [patricia.p.pereira@ufv.br](mailto:patricia.p.pereira@ufv.br); ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-3588-7766>.

**Joelma Santana Siqueira** Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Viçosa. Coordenadora do GT Teoria do Texto Poética da ANPOLL. Bolsista CNPq - PQ-2. E-mail: [jandraus@ufv.br](mailto:jandraus@ufv.br); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1975-887X>.